



VIA  
PANORAMICA

Revista de Estudios Anglo-Americanos  
A Journal of Anglo-American Studies

# THE DISPOSSESSED: 50 YEARS SINCE 50 YEARS HENCE

A Journey Towards Utopian Science Fiction

THEMATIC SECTION

EXTRA



# TRIBUTO A URSULA K. LE GUIN

Testemunhos de Vários Escritores, Artistas e Professores

---



A.M.P. RODRIGUEZ  
Autora e Antologista

Em 1983, já fascinada por ficção científica, num Portugal com um grande ausência geral de informação sobre ficção científica literária, além de Verne, Wells, Asimov, ou a do estilo literatura de cordel especulativa, uma capa chamou-me a atenção na livraria. A coleção? Ficção Científica da Europa-América. O livro? “Os Despojados” de Ursula K. Le Guin. A sinopse fascinava e ainda hoje exerce fascínio, que aumenta com a leitura da história. Embora a autora tivesse outras obras publicadas em Portugal anteriormente, esta foi a primeira vez que notei um livro dela. A ficção especulativa é, antes mais, a ficção das ideias, das abstrações, e das hipóteses. Certas ou erradas, certas ou falíveis, as mesmas não devem ser ignoradas ou menosprezadas, porque a discussão e o contraditório fomentam o crescimento e o conhecimento. Imaginar com racionalidade é algo profundamente humano, que não pode ser dissociado da condição de se existir enquanto pessoa, e as obras de Ursula K. Le Guin são nesse sentido o mais humano que se pode ser na literatura.



CARLOS SILVA  
Escritor e Professor

Ursula K. Le Guin foi uma pioneira, desbravou mato grosso para que outros escritores, como eu, pudéssemos atravessar o território da ficção por um caminho bem mais fácil. A ficção especulativa é a literatura do "E se?"; as histórias desta escritora deixam-nos com perguntas e desafios, ousam desafiar regras que nunca considerámos questionar, constroem Omelas da qual hesitamos em abandonar. Le Guin ensinou-me que a ficção especulativa pode ser um instrumento de mudança e resistência às ideias feitas, mesmo as do próprio autor, pois embora não seja factual, pode ser Verdadeira e, muitas vezes, o melhor meio de explorarmos «as realidades inacreditáveis da nossa existência».

Também como teórica, Le Guin é uma referência. «A ficção como cesta: uma teoria» é um dos meus textos favoritos para abordar no contexto das Oficinas de Ferramentas para Escrita de Ficção Especulativa em que sou tutor. Após apresentar A Jornada do Herói, inspirada no trabalho de Joseph Campbell, este ensaio de Le Guin serve como um ponto de reflexão sobre o que é isto de contar histórias, e como perpetuar fórmulas é também perpetuar maneiras de pensar e atuar sobre o mundo. A cesta torna-se, a par da espada, numa nova ferramenta narrativa os construtores de histórias de ficção especulativa, talvez até mais condizente com a nossa cultura, se considerarmos as histórias de autores portugueses que podemos ler fora do género.

# TRIBUTO A URSULA K. LE GUIN

Testemunhos de Vários Escritores, Artistas e Professores

---



Where my guides lead me in kindness  
I follow, I follow lightly,  
and there are no footprints  
in the dust behind us.

- Ursula K. Le Guin  
[1929-2018]

# TRIBUTO A URSULA K. LE GUIN

Testemunhos de Vários Escritores, Artistas e Professores

---



**FÁBIO FERNANDES**  
Escritor e Professor

Pouca gente na ficção científica anglófona me marcou mais do que Ursula K. Le Guin. Sua obra, que vem sendo redescoberta pelos leitores brasileiros, aliás, é fundamental para este mundo do século XXI. Le Guin trouxe para primeiro plano as questões ambientais e de gênero no universo antes tão centrado na figura masculina. Ela praticamente foi a responsável pela criação do termo "soft sf", e hoje é um dos focos da minha pesquisa acadêmica sobre a questão utópica. A leitura das obras de Le Guin me incentivou não apenas a escrever ficção científica, mas sobretudo pensá-la academicamente.

Foto © Mari Franco



**FÁTIMA VIEIRA**  
Docente U.Porto e investigadora  
na área de Estudos sobre a  
Utopia e Vice-Reitora para a  
Cultura

Aprendi com Ursula K. Le Guin que a realização da utopia tem um preço. Começo as minhas aulas sobre literatura utópica com “The Ones Who Walk Away from Omelas”. Aprendi com Le Guin que, mesmo assim, vale a pena procurar alternativas. Leio e releio “The Dispossessed” para descobrir, com Shevek, que a chave para uma sociedade melhor está no equilíbrio entre individualismo e coletivismo. Aprendi com Le Guin que há ainda muitas possibilidades por imaginar. O Universo Hainish prova-o. Foi isto que aprendi “estudando” Le Guin. E por isso assumo como uma espécie de missão “ensinar” Le Guin.



**INÊS BOTELHO**  
Escritora

Curiosamente, apesar dos seus muitos mundos e reflexões, as duas influências mais directas de Ursula K. le Guin no que escrevo – ficção ou não – têm uma relação algo tangencial com a obra da autora. Uma vem da indicação que le Guin deu a Charles Vess quando este preparava as ilustrações para The Books of Earthsea: adicionar mais cabras. Sempre me pareceu uma excelente sinédoque para pensar nos aspectos práticos de uma sociedade e lhe acrescentar realismo. E a outra resume-me àquele hábito de ficar alerta para falhas de raciocínio ou faltas de lógica, e aniquilar umas e outras metodicamente. Tudo práticas saudáveis e que se recomendam.

# TRIBUTO A URSULA K. LE GUIN

Testemunhos de Vários Escritores, Artistas e Professores

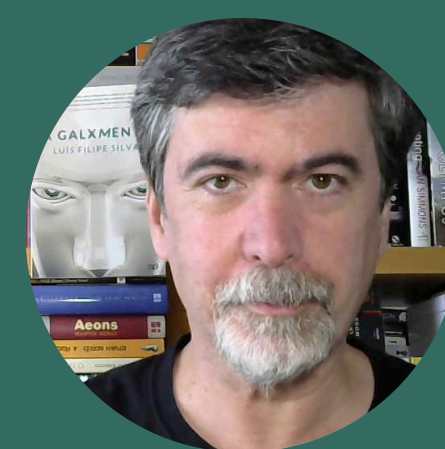
---

Sabendo todos nós que a tecnologia concebida pelos autores de FC passa a ser de uso universal uma vez criada (doutro modo seria impossível voltar a escrever sobre a invisibilidade ou a máquina do tempo) quem me dera ter acomodado a Ursula K. Le Guin numa câmara de negaentropia e deixá-la continuar a escrever para todo o sempre. Impossível. Esse futuro ainda não chegou. Por outro lado gostaria “de falar para casa” e comunicar com ela através do Ansible. De novo impossível. A Le Guin inventou um aparelho extraordinário para falar instantaneamente através do Espaço mas não do Tempo. UM dia virá. Dring, dring.



**JOÃO BARREIROS**  
Escritor e Professor

Ursula K. Le Guin tinha pouco mais de 1,6m de altura, mas defrontou gigantes. Na pele de Odo, inspirou milhares a desapegarem-se do conforto e criarem uma nova nação num planeta árido. Nos actos de Estragen, conheceu o sacrifício em prol de um bem maior. Como Ged, conversou com dragões e dominou os ventos. E como mulher, mãe, esposa numa América conservadora, ousou questionar o seu papel, e o das mulheres, com magistral ironia - talvez a luta mais difícil. Fez das palavras a sua contestação, e das histórias, vislumbres de terras distantes, no tempo e no espaço, melhores do que a sua. Vislumbres, ainda assim, imperfeitos, verosímeis, pois afinal conhecia o coração humano e não há sonhos sem pesadelos. Le Guin soube apontar as falhas antes que estas lhe fossem apontadas. Ainda assim, acreditou numa sociedade de entreajuda e solidariedade. Que tenha sentido necessidade de o fazer, habitando num país supostamente democrático e avançado que era, ele próprio, uma utopia para tantas outras partes do mundo, dirá muito desse país - mas também dirá muito de Le Guin, o facto de ter os olhos bem abertos. "Os Despojados" alia magistralmente tema e promessa, ciência e ficção, ética e responsabilidade, e uma voz literária que deixou saudades. Le Guin foi e será para mim a possibilidade literária de transcender o corpo e a época, aos quais a vida, traiçoeiramente nos amarra para mais traiçoeiramente nos soltar logo a seguir. Algures, em distantes arquipélagos, os dragões louvam-na nos seus cânticos.



**LUÍS FILIPE SILVA**  
Autor e Podcaster

O conto “She Unnames Them”, publicado a 21 de janeiro de 1985, no New Yorker, foi o meu primeiro contacto com a obra de Ursula K. Le Guin. Nesta breve releitura feminista do mito genesíaco, uma mulher decide devolver o nome que lhe foi atribuído pelo Pai de Adão e abandonar o Jardim do Éden, levando consigo todos os animais da Criação. Em vez de os renomear, esta “já-não-Eva” propõe aos animais que se desnomeiem e, juntos, procurem uma nova linguagem. A nomeação havia instituído a diferença e estabelecido relações de hierarquia e de poder entre os seres, afastando-os; mas o apagamento dos seus nomes tem um efeito poderoso sobre todos eles: desnomeados, todos parecem agora aproximar-se, curiosos, estabelecendo laços entre si. Este gesto simultaneamente resistente e libertador foi a maior lição que aprendi com Le Guin: as palavras devem ser usadas com precaução e consciência, mas também com deslumbramento e liberdade. Como diria a autora num dos seus famosos discursos, “a resistência e a mudança começam frequentemente na arte. Muitas vezes na nossa arte, a arte das palavras”. E a arte de Le Guin é suprema.



**MARINELA FREITAS**  
Docente U.Porto

# TRIBUTO A URSULA K. LE GUIN

Testemunhos de Vários Escritores, Artistas e Professores

---



SAFAA DIB  
Política

Recordo-me bem da minha primeira leitura de "Os Despojados" nos anos universitários e de como passou a existir um antes e um depois dessa leitura. Anos mais tarde, ingressei no mundo editorial, onde tive o privilégio de publicar uma nova edição portuguesa de "Os Despojados" (Saída de Emergência), e que me permitiu trocar algumas palavras com a autora, através do seu agente. Era feliz e não sabia. Nessa altura, dei por mim enredada numa dessas estranhas ironias de vida, em que a política se tornou uma atividade bastante intensa que acabou por me consumir por completo, roubando-me do mundo dos livros.

No mesmo ano em que publiquei "Os Despojados", tomei a decisão de pôr fim à minha carreira editorial e hoje estou no mundo da política, a tentar contribuir para um mundo melhor. Os livros da Le Guin acompanharam-me sempre nesse percurso, em particular, a jornada de Shevek, o seu idealismo e a força das convicções, dos quais nunca me esquecerei. Neste ano em que se assinalam os 50 anos da publicação original de "Os Despojados", dou por mim feliz por ter feito o meu contributo para divulgar entre os leitores portugueses esta obra extraordinária e intemporal.



TERESA BOTELHO  
Docente Universidade  
NOVA de Lisboa

Os cursos académicos sobre literatura e utopia que tenho lecionado são frequentemente estruturados em termos do antes e depois da publicação de "The Dispossessed" (e de "The Ones Who Walk Away from Omelas"), uma vez que neles Le Guin coloca um número de questões pertinentes sobre a construção imaginária de mundos melhores.

Apresentado como uma "utopia ambígua", "The Dispossessed" propõe ao leitor três eixos de inquérito que resumiria desta forma: como podemos imaginar uma utopia alicerçada não no bem estar económico repartido mas na gestão da escassez e da não-posse; como é possível equilibrar o eu com o nós, ou seja como é possível sustentar a hipótese de que "ser completo é ser parte de", como sustenta a filosofia Odoniana de Anarres (que de forma incómoda para alguns leitores, parece ecoar a filosofia distópica de Zamyatin, em "Nós" (1921) de que "Ninguém é um mas um de..."; e finalmente em que termos é que o auto-isolamento de uma sociedade que se entende como utópica ou pelo menos melhor do que aquela de que se afastou, conduz a um inevitável sufoco e paralisa criativa.

Le Guin não responde, antes pergunta e desafia...e nós, leitores de "The Dispossessed", ainda não parámos, passados 50 anos, de escrutinar as suas hipóteses e de imaginar alternativas. Tal como certamente ela esperaria.

## CITAÇÃO

---

Vários (2024). "Tributo a Ursula K. Le Guin". VIA PANORAMICA: Revista de Estudos Anglo-Americanos, vol. 13, n.º 1, 2024, pp. 189-193. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>. DOI: [https://doi.org/10.21747/2182-9934/via13\\_1hom](https://doi.org/10.21747/2182-9934/via13_1hom)



VIA  
PANORAMICA

Revista de Estudos Anglo-Americanos  
A Journal of Anglo-American Studies